



FIG. 1-A — Carimbo da peça n.º 1 (pormenor).
Ampliação 5 vezes

INTRODUÇÃO

Desconhecido da maioria dos coleccionadores portugueses e estrangeiros, mas considerado por alguns como a marca mais rara da numária moçambicana, e por outros como uma fantasia, o carimbo «LM coroadado» constituiu durante dezenas de anos uma incógnita por esclarecer documentalmente.

A análise pormenorizada das suas características permitiu pôr de parte a ideia de se tratar de uma fantasia, levando à formulação de uma hipótese das razões da sua origem, que a consulta aos arquivos da Casa da Moeda de Lisboa veio confirmar.

ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Em 1937 publica o Dr. Luís Pinto Garcia a sua importante obra de pesquisa bibliográfica sobre as «**Moedas Estrangeiras Contramarcadas que correram nos Açores e nas Colónias**», onde, a páginas 32 e depois de descrever os carimbos «PM coroadado» e «PM único» de Moçambique, escreveu:

CARIMBO

«L•M COROADO»

DE

LOURENÇO

MARQUES

(1888)

por **ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS**

C/ L M coroadado — 1895?

Talvez em 1895 também, algumas moedas foram contramarcadas com as letras L M (Lourenço Marques). Para correrem na cidade, na região que hoje corresponde ao moderno distrito de Lourenço Marques ou até para toda a provincia de Moçambique? Ou seria para terem curso apenas na área da cidade, onde naquela época commerciavam grande número de portugueses e indivíduos das mais variadas origens?

O que é certo é que esta contramarca existe e as moedas são provenientes daquela Colónia. Desta espécie apenas são conhecidos os Thalers de Maria Tereza e o seu número é muito restrito».

José Maria Folgosa, incansável coleccionador e estudioso das moedas de Moçambique, infelizmente já falecido, mas a quem ficamos a dever essa importante descrição documental e numismática que é «**As Moedas da África Oriental Portuguesa — Moçambique**» (Porto, S. P. N., 1956), debruçou-se com especial cuidado e pormenor sobre as contramarcas da

ABSTRACTS

Almost unknown to portuguese and foreign collectors the «crowned LM» countermark has remained a numismatic incognita for several decades.

After detailed observation of its engraved design characteristics and from recent searches in the Lisbon State Mint's Historical Archive, the author has arrived to uncover its origins.

The «crowned LM» is a genuine portuguese countermark used in the town of Lourenço Marques (Mozambique) in 1888 to punch foreign silver coins (Maria Thereza thalers, mexican dollars and rupees of Bombay) and to prevent further imports to local monetary markets.



FIG. 1 — Maria Tereza» carimbada em Lourenço Marques, em 1888. Tamanho natural.

cations, Inc., Massachusetts), aparece novamente uma referência a este carimbo:

«Moçambique

Além das conhecidas contramarcas de rosetas e «M», «MR» em monograma, «PM» e «PM» coroados, foi sugerido a atribuição a Moçambique de outro carimbo. Devido à sua semelhança com «PM» coroados, a contramarca «LM» coroados pode ser uma emissão de Lourenço Marques, nome de um proprietário de uma plantação no sul de Moçambique». (Tradução livre, pg. 358).

Reproduz-se nessa obra uma «terezinha» (figura 44, desse capítulo), cujo carimbo foi apostado exactamente na mesma posição da moeda que agora se reproduz (figs. 1 e 1A).

Dois aspectos sobressaem da análise das características deste carimbo.

Em primeiro lugar, o facto de ter coroa real, gravada com grande pormenor e cuidado, o que desde logo afasta a hipótese de ser obra de artista local. Trata-se de uma coroa muito semelhante à que foi gravada nos punções dos carimbos «G. P. Coroados» dos Açores (de 1887) e «P. M. Coroados» de Moçambique (de 1888): coroa de cinco arcos forrada interiormente, com florões em trevo e arcos perolados.

A semelhança destes três carimbos é notável, não só na coroa mas também na sua composição geral, o que nos leva a admitir terem

colónia, deixando-nos o seguinte testemunho sobre o carimbo «L M coroados»:

«Em vários livros e catálogos de moedas, há referências a esquisitos carimbos PMM e LM, tendo encontrado na colecção do Dr. Dellgobo, médico, do vapor italiano «Jesuselleme», um P M em cursivo sobre uma rúpia da Índia inglesa, rainha Victoria, o que, quanto a mim, é irregular. A abusiva contramarcagem das moedas correntes na Colónia teria por fim defraudar o Estado e bem assim os coleccionadores. Em Lourenço Marques, nunca ouvi falar em moedas contramarcadas com LM coroados, para correrem no distrito, assim como também não encontrei referências escritas ou alusões a tais contramarcas e moedas tripartidas, que se diz terem coirido no mesmo distrito, mas a verdade é que todos os velhos colonos residentes aqui nunca deram fé de semelhante contramarca nem em tal ouviram falar. Não nego a sua existência, pois possuo um decalque duma «Maria Tereza», mas deve tratar-se, certamente, de fantasias».

(pg. 40)

E em 1976, numa antologia editada por Gregory G. Brunk, «World Countermarks on Medieval and Modern Coins» (Quarterman Publi-



Carimbo verdadeiro LM Coroado, sobre taler Maria Teresa

todos a mesma origem, a Casa da Moeda de Lisboa.

E, em segundo lugar, as próprias iniciais que o carimbo ostenta, **L M**, inequivocamente interpretadas como significando «Lourenço Marques», não como nome pessoal, mas como nome próprio de uma cidade de Moçambique (hoje Maputo) e do seu distrito administrativo.

Posta de parte a hipótese de se tratar de uma fantasia, pelas razões acima aludidas e que se prendem exclusivamente com a qualidade da gravação da coroa real, resta-nos tentar procurar as razões que terão levado à feitura deste carimbo.

Para tal vamo-nos socorrer da já citada obra de José Maria Folgosa e ainda do Volume I dos «**Estudos Ultramarinos**» do Eng.º Vicente Ferreira (Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1953), no capítulo respeitante ao «**Regime Monetário e Bancário nas Colónias Portuguesas**».

A CIRCULAÇÃO MONETÁRIA EM MOÇAMBIQUE

São unânimes os dois autores ao descrever o regime monetário na colónia de 1870 a 1896, como denotando uma completa desordem e anarquia. Havia uma moeda para o Norte da Província (distritos de Moçambique, Cabo Delgado, Niassa), outra para o Sul (distritos de Lourenço Marques, Gaza, Inhambane), outra para o território concedido à Companhia de Moçambique (Manica e Sofala). Esta contava em moeda inglesa; no norte circulavam os pesos mexicanos, as patacas colonárias, as rupias chirinas e desde 1877, as notas do Banco Nacional Ultramarino.

Em Lourenço Marques a moeda corrente era quase exclusivamente a inglesa, mas também se aceitavam as rupias e os pesos, com um desconto que regulava por 30 %.

Num lado a rupia tinha o valor de 450 rs., outros de 380 reis.

Em 1864 foi oficialmente aceite na circulação da colónia a moeda de prata austríaca denominada «Maria Tereza» ou «peso de Zanzibar», pelo valor de 920 reis, alterado para 860 reis em Janeiro de 1887.

A enorme afluência desta moeda nos mercados do norte da colónia, causando embarços ao público e comércio, dado a diferença

entre o valor inicialmente atribuído e o que o mercado lhe atribuía, esteve na origem dessa medida, extensiva mais tarde, em 1887, à pataca mexicana.

Por essa altura era um negócio rendoso aproveitar a diferença de câmbio existente entre o «Sul» e o «Norte» da colónia; as transferências de Moçambique ou Quelimane para Lourenço Marques, custavam 50 % e as próprias notas do B. N. U. só eram trocadas, de um sítio para outro, com ágio.

A IMPORTÂNCIA DE SE CHAMAR LOURENÇO MARQUES

Sede do distrito do mesmo nome, vizinha da então denominada União Sul Africana, a povoação de Lourenço Marques foi elevada à categoria de vila em 1876 e, em 1887, à categoria de cidade.

Centro de grande comércio com a África do Sul, por intermédio do seu porto e caminho de ferro, a influência desta vizinhança fazia-se sentir especialmente pela circulação livre da moeda inglesa de ouro e prata, ao par, livremente aceite pelo público e pelo comércio, que se dispensavam de a trocar por moeda nacional.

A sede do Governo Geral da Província de Moçambique, que primitivamente se encontrava em Sofala e, desde o princípio do século 17, na Ilha de Moçambique (ao norte, no distrito do mesmo nome), veio a ser transferida para o Sul, para Lourenço Marques, em 1898.

Mas em 1888 deu-se ali a mesma invasão de moedas de prata austríacas «Maria Tereza», que já em 1881 perturbara os mercados monetários do norte.

A introdução em excessiva quantidade destes pesos, além de outras espécies de moedas, deu origem a um ofício do Ministro da Marinha ao Governador Geral, em 25 de Julho de 1888, proibindo-se a sua importação.

«no distrito de Lourenço Marques»,

até ulterior resolução governamental.

E, como único processo de distinguir entre a moeda em circulação e a que porventura fosse introduzida fraudulentamente, determinase a 24 de Novembro desse ano a aposição de

um carimbo nas «terezinhas», proibindo-se então a sua importação,

«em toda a Província de Moçambique»



Não deixa de ser interessante analisar a terminologia empregue nos dois documentos atrás indicados, transcritos na obra de José Maria Folgosa com os números 44 e 45 dos «Documentos comprovativos»:

- distrito de Lourenço Marques, em 25 de Julho de 1888; e
- toda a Província de Moçambique, em 24 de Novembro.

Em relação ao segundo, sabemos que originou a criação do carimbo «P M» (Província de Moçambique); em relação ao primeiro, não julgamos ser descabida a hipótese, que agora formulamos, de ter originado a gravação do carimbo «L M» corado, para ser aposto como marca identificadora das diversas espécies de moedas cuja importação fora proibida em Lourenço Marques:

- pesos austríacos «Maria Tereza»;
- pesos mexicanos; e
- rupias de Bombaim.

A ter acontecido assim, o período de tempo que medeou entre a publicação dessas determinações governamentais — escassos cinco meses —, poderá explicar a notável raridade das moedas carimbadas em Lourenço Marques, pois desde 5 de Janeiro de 1889 começou a aposição do carimbo «P M corado», extensivo a toda a colónia, logo substituído (em alguns distritos), por se terem inutilizado alguns punções, pelo carimbo «P M único», ovalado, de fabrico local.

O PUNÇÃO «L • M» FOI GRAVADO NA CASA DA MOEDA DE LISBOA

O recente aparecimento de mais uma moeda portadora deste enigmático carimbo, um portuguêsíssimo «dois tostões» de D. Pedro V de 1858 (fig. 2), sobre o qual nos foi pedida uma avaliação, levou-nos à consulta dos livros de registo da Casa da Moeda de Lisboa, da



FIG. 2 — 200 réis de D. Pedro V, de 1858, c/c «L M corado» no anverso (pormenor).
Ampliação 5 vezes.

época, onde fomos encontrar cópias de alguns ofícios sobre o assunto, que se transcrevem resumidamente.

1888 Julho 25 (da Direcção Geral da Tesouraria do Ministério da Fazenda)

*Remete 18 caixotes contendo pesos =
= Marias Terezas = na importância de
30:960\$000 reis (36 000 moedas)..*

(Registo da correspondência recebida, livro 30, fol. s/n).

1888 Agosto 2 (da Direcção Geral da Tesouraria)

Pede se mandem ensaiar os 36 000 pesos (Marias Terezas) que deram entrada na Casa da Moeda vindos de Lourenço Marques, indicando o que se poderá produzir em moeda portuguesa e qual a despesa provável com essa cunhagem.

(Registo da correspondência recebida, livro 30, fol. s/n).

1888 Agosto 4 (para a Direcção Geral do Ultramar do Ministério da Marinha e Ultramar)

Remete um caixote contendo dez punções, dois tais e dois martelos, encomendados pela D. G. do Ultramar, para se carimbar moeda de prata em circulação em Lourenço Marques.

(Registo da correspondência expedida, livro 25C, fol. 136).

1888 Agosto 4 (da 7.ª Repartição da D. G. da Contabilidade Pública do Ministério da Marinha)

Que os carimbos e respectivos acessórios que hão-de servir para marcar a moeda estrangeira em Lourenço Marques, podem ser entregues a João Manuel Gomes, guarda do Arsenal da Marinha.

(Registo da correspondência recebida, livro 30, fol. s/n).

1888 Agosto 14 (para a Direcção Geral da Tesouraria)

Responde ao ofício de 2 de Agosto, informando que, sendo o toque, termo médio, dos pesos Maria Tereza, de 834 $\frac{3}{4}$ milésimas e o peso 27,5 gramas, calcula-se ser necessário adquirir 1 tonelada de prata fina para converter aquela moeda em 80 contos de reis de moeda portuguesa.

A despesa será de 700\$000 r. se se cunharem moedas de 500 r., mas se se pretender 70 contos r. em 500 r. e 10 contos r. em 200 r. e 100 r., a despesa será de 1 conto a 1200\$000 r.

A operação dará um lucro de 18 a 19 contos de reis.

(Registo da correspondência expedida, livro 25C, fol. 138 v.).

Três meses passados, volta a Casa da Moeda a despachar outro caixote para Moçambique, contendo punções marcadores, mas desta vez o ofício registado é bem mais explícito.

1888 Novembro 24 (para a Direcção Geral do Ultramar)

Envia um caixote com 40 punções, tendo cada um gravada a coroa real e as le-

tras PM, 12 martelos e 10 tais, tudo para carimbar a moeda estrangeira que circula em Moçambique.

(Idem, livro 25C, fol. 163 v.).

Os documentos acima transcritos não deixam margem de dúvida sobre a autenticidade do carimbo «L • M coroado» de 1888, que serviu para marcar e retirar da circulação a moeda estrangeira que inundava os mercados do distrito de Lourenço Marques, três meses antes do envio para Moçambique dos punções do carimbo «P M coroado».

Mas, ao contrário das moedas carimbadas com este último, que foram devolvidas à circulação e só retiradas em 1891, as moedas carimbadas em Lourenço Marques devem ter sido retiradas da circulação quase imediatamente, o que pode explicar a sua raridade actual.

Em Março de 1889 ficou registado um ofício que nos dá conta terem entrado 22:207\$780 reis enviados de Lourenço Marques, sem qualquer outra indicação, o que pode ser tomado como uma remessa de moeda estrangeira carimbada.

E por um outro ofício de 1 de Julho de 1889, ficamos a saber que a operação de substituição de moeda de prata estrangeira, em Lourenço Marques, por moeda de prata de cunho metropolitano, tinha sido completada há pouco,

«Com manifesto proveito do comércio da colónia» (Idem, livro 25C, fol. 209).

*

Quanto ao pequeno «dois tostões», que por ser português não merecia receber a marca nacionalizadora de Lourenço Marques, é bem um testemunho do pouco hábito que os laurentinos tinham de lidar com dinheiro metropolitano.

Será português, será estrangeiro?

Pelo sim, pelo não... carimbe-se!

Lisboa, Abril de 1980.